

## Psicologia escolar e o processo resiliente de educar: um diálogo na perspectiva da promoção da saúde

### School psychology and the resilient process of educating: a dialogue from the perspective of health promotion.

Gilmar Antoniassi Junior<sup>1</sup>

132

**Resumo:** Este estudo traz o entendimento de que a família é o fator primordial à contribuição ao desenvolvimento humano e principalmente no contexto escolar. O foco desta pesquisa é apresentar a resiliência e o comportamento pró-social aplicado à educação em parceria com a psicologia escolar. Estes termos apresentados são fatores essenciais a colaboração ao enfrentamento dos desafios educacionais diante da negligência familiar e indisciplina do aluno. A discussão sobre tal enfrentamento foi direcionada para a resolução da problemática no âmbito escolar especificamente no processo ensino-aprendizagem. A proposta é fruto do estágio realizado em psicologia escolar e produzido através de pesquisa bibliográfica qualitativa. Para tanto foi considerado a possibilidade da práxis pedagógica com a colaboração da psicologia escolar em valorizar as relações humanas sob a ótica do vínculo afetivo entre aluno, escola e família. Deste vínculo um viés ao aprendizado que sugere a interferência eventual da relação professor e aluno em sala de aula. Neste entendimento o processo resiliente de educar emerge como enfrentamento as dificuldades educacionais. O que visa favorecer resultados escolares positivos. No entanto considera esta pesquisa a fundamental parceria da família e escola ao investimento das relações afetivas com a finalidade de gerar uma atmosfera ideal para educação prazerosa e conhecimento para a vida.

**Palavras-chaves:** Comportamento pró-social. Resiliência. Processo ensino-aprendizagem. Psicologia escolar.

**Abstract:** This study provides the understanding that family is the primary factor of the contribution on the Developing of Human Being and, mostly, on the school context. The focus of this research presents resilience and pro-social behavior applied to education along with academic psychology. These presented terms are essential factors in the contribution of facing

---

<sup>1</sup> Pós-doutor, Doutor e Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Psicólogo pela Faculdades Integradas de Fernandópolis. Pedagogo pela Faculdade Patos de Minas. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Promoção Psicossocial (DPGPSI-FPM). E-mail: jrantonassi@hotmail.com;

Recebido em 11/03/2023  
Aprovado em 08/05 /2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



educational challenges, such as familiar disregard and indiscipline. The discussion about such facing was directed to the resolution of the problem in the school context, specifically of the teaching-learning process. This proposal is a product of the internship accomplished on the academic psychology area and done based on bibliographic researches. It was taken in consideration the possibility of the pedagogical praxis, along with the collaboration of the academic psychology, about the appreciation of human relationships on the point of view of the bond between the student, school and family, as a way of learning, what suggests the interference of the teacher-student relationship in the classroom. Presenting, in this context, the resilient process of educate as a way of facing educational difficulties, in order to encourage positive results on school. This study considers primordial the school and family partnership on the investment in affective relationships in order to propose an ideal context to a pleasant education and learning for a lifetime.

**Keywords:** pro-social behavior, resilience, teaching-learning process, academic psychology.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa como resultado da prática do estágio em psicologia escolar consiste em focalizar a interferência da relação professor e aluno no processo ensino-aprendizagem. Surge diante desta experiência a perspectiva da aplicabilidade do conceito resiliência no âmbito escolar diante as dificuldades das relações interpessoais. Esta discussão parte do princípio de que a resiliência como significado a capacidade ao enfrentamento das adversidades da vida, venha a contribuir como resoluções aos desafios educacionais.

A temática proposta como psicologia escolar e o processo resiliente de educar surgiram através das problemáticas observadas em estágio tendo a indisciplina e negligência familiar na instituição escolar como fatores recorrentes. Estas problemáticas foram verificadas nas queixas dos professores e colaboradores da escola durante a investigação do diagnóstico institucional. O que sugeriu influenciar como resultados negativos ao processo ensino-aprendizagem devido às dificuldades das relações humanas como o desgaste emocional.

A metodologia deste estudo foi baseada em pesquisa bibliográfica qualitativa através de artigos, teses, revistas eletrônicas e livros que obedeceram a recorte sobre o assunto e dos últimos anos de publicações. Nota-se que neste estudo as obras literárias clássicas foram consideradas ao longo da pesquisa.

Esta pesquisa elaborada no conceito da resiliência, de origem da física, traz a magnitude do entendimento da não deformidade de um material mesmo que sofra pressão externa. A qual

torna proposta para discussão ao aspecto resiliente e como estudo frente à perseverança em lidar com os problemas no educar.

Este termo é recente, nos últimos dez anos, na área de pesquisa da saúde e ciências humanas. Para o campo da psicologia e a educação a pesquisa surgiu em torno dos últimos cinco anos, a qual sugere resoluções às dificuldades educacionais atual. Permite diante desta perspectiva da resiliência que no processo ensino-aprendizagem o lidar com a negligência familiar no âmbito escolar é possível através da concepção da importância do compromisso e a responsabilidade social no educar através da família e escola.

O estudo apresenta diante desta questão a aplicabilidade do comportamento pró-social e o processo resiliente de educar no ambiente familiar e escolar a fim de proporcionar o comportamento solidário, perseverança, otimismo e de responsabilidade social diante da educação.

## 2 Psicologia e resiliência no contexto escolar

A Psicologia bem como as outras ciências humanas e da saúde, entendem a resiliência como o enfrentamento às adversidades da vida de forma saudável, onde o esperado nestes eventos de estresse é o não enfrentamento às dificuldades. A resiliência tem como característica uma postura que pode ser inata ou adquirida, circunstancial ou permanente diante das dificuldades que permite a possibilidade ao acesso da estratégia para resultados positivos e transformadores diante da vida (LEGAL; MACHADO; TABOADA, 2006).

Outra compreensão da definição da resiliência é estar diante do fenômeno conceitual da física que compara a um material que recebe pressão sem sugerir deformidade ou vencibilidade devido certo grau de elasticidade. O que convence a sua concepção na inexistência de limites para suportar a tensão (BARLACH, 2005).

De acordo com Deslandes e Junqueira (2003) a resiliência é definida como a capacidade dos indivíduos cujas características pessoais estão relacionadas ao estabelecimento de vínculos afetivos e de confiança destes com o meio que vivem. O que alude ao caminho que estes indivíduos fazem pela vida que mediante a esta experiência desenvolvem comportamentos adaptados ou de ajustamentos necessários aos eventos traumáticos.

Tal apontamento sugere que o adaptar-se às adversidades diante da vida é diferente de acomodar-se. Adaptar-se nesta discussão tem como significado o indivíduo transformar a sua própria realidade, ou seja, obter a postura de direcionar a própria história. De esta observação

o adaptar-se aos desafios que a vida propõe é ser resiliente, é algo que origina da subjetividade humana.

Pode-se dizer que a subjetividade do resiliente é entendida como o espaço íntimo do indivíduo, algo do seu mundo interno, em que revela a força e resistência inesperadas ao evento traumático. Isto ocorre porque este indivíduo possui percepção fora do comum e não permite que as vicissitudes da vida lhe tirem o desejo de viver e de superar questões que arruinariam qualquer outro ser humano (FELDMAN; OLDS; PAPALIA, 2010).

Ao explicitar a força e resistência como característica do indivíduo resiliente é primordial entender como constitui a resiliência ao favorecimento da saúde psicológica do ser humano e evolução da vida.

Dada a importância sobre a constituição da resiliência apresenta a pesquisa os fatores de proteção que são definidos por Legal, Machado e Taboada (2006) como atributos específicos aos modos de resolver problemas, tendo como características no indivíduo o alto nível de auto-estima e autoconhecimento que são pertencentes ao ser resiliente.

Este posicionamento dos autores sobre os fatores de proteção é demonstrado como benéficos à vida e que torna favorável às resoluções de problemáticas e uma postura de ação imediata diante dos desafios.

Contrapondo com aos fatores de proteção é identificado durante esta pesquisa os fatores de riscos representados nos eventos negativos da vida como os problemas físicos, sociais e psicológicos que provoca no indivíduo à necessidade de reagir diante da vicissitude da vida. Em que a dinâmica entre os dois fatores, proteção e risco, leva ao que se denomina de equilíbrio emocional e como resultado o indivíduo que possui resiliência (LEGAL; MACHADO; TABOADA, 2006).

Salienta no estudo a identificação sobre a constituição do ser humano através do entrelaçamento do vínculo afetivo de suas primeiras experiências educativas via família. Souza (2004) apresenta a família como propícia à capacidade de regeneração e adaptações as problemáticas da vida no âmbito afetivo e social, que exemplifica esta capacidade através da vivência do sofrimento que a família pode enfrentar como um caminho para a oportunidade ao resgate dos fatores de proteção, que ocorre através do vínculo afetivo para o fortalecimento nas decisões diante das problemáticas.

O encaminhamento desta discussão busca a função da resiliência na família, não somente como um traço pessoal, porém compreender que sua aquisição ocorre através de comportamentos de perseverança, cumplicidade e cooperação. O que favorece a convivência

saudável familiar. Dada a importância de que homem e o meio ambiente devam interagir à procura de equilíbrio em suas relações (BARLACH, 2005).

Discutir sobre o ambiente familiar é associar ao desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo. Colonia e Dessen (2007) aplicam a fundamental influência da família ao sucesso escolar, em que os resultados positivos escolares têm embasamento nas consequências das relações entre escola, aluno e família.

Portanto esclarece esta concepção da construção do vínculo afetivo no ambiente escolar que se dá no exercício dos valores experimentados no berço familiar. Este fato é verificável no processo de socialização que inicia na família e continua dentro das instituições escolares.

Sob este aspecto da socialização a escola tem como competência organizar os recursos psicopedagógicos para o desenvolvimento de atividades sistemáticas que possibilitem a evolução intelectual, social e cultural do aluno. O que traz como resultado sob as formas de pensar, agir e interagir no mundo por meio das experiências vividas pelo aluno e articuladas ao conhecimento (COLONIA; DESSEN, 2007).

A psicologia escolar apresenta os fatores de proteção como um aliado para enfrentar as adversidades e os desafios educacionais.

O qual é evidenciado por Colonia e Dessen, 2007, que os fatores de proteção na sua real possibilidade são constituídos nos vínculos afetivos, entendendo que ao serem ativados em momentos críticos podem fomentar sentimento no indivíduo de pertencer ao grupo e o posiciona como responsável por suas ações diante de todos.

É necessário que reflita sobre a organização e coesão na resolução de problemas entre família e escola. Legal, Machado e Taboada (2006) propõem a resiliência como estratégia ou energia que visa sua funcionalidade na inserção de conjuntos de ações movidas por pensamentos e atitudes positivas diante das dificuldades e complexidades humanas. E principalmente na resolução de problemáticas de forma coerente. O que mostra o desempenho dos fatores de proteção como acesso à resiliência produzindo habilidade ao indivíduo no ajustamento às situações cotidianas dentro e fora da escola.

Para Guzzo e Trombeta (2002) o estabelecimento do vínculo afetivo da criança com um adulto na escola tem a sua função na manutenção de uma atmosfera social saudável frente às responsabilidades das atividades escolares. Em que o vínculo afetivo aparece como um dos representantes dos fatores de proteção.

No entanto ao abranger a resiliência familiar relacionada aos fatores de proteção é evidenciada a sua constituição mediante as relações afetivas de pais e filhos que emergem nos

elogios, compartilham valores, crenças e expectativas em relação ao futuro. E o que possibilita realizar planejamentos em relação à vida escolar e obter bons resultados.

No estudo os fatores de proteção são identificados como mecanismos de proteção que tornam acessíveis a resiliência na escola com a finalidade de reduzir aos efeitos negativos das situações de riscos, na qual tem a intenção de gerar autoavaliação do indivíduo no contexto que oferece ameaça. E mediante do contexto de fatores de proteção a qualidade afetiva das relações interpessoais é apresentado como mecanismos de proteção, o que produz comportamentos de autoestima e a autoeficácia associados aos sentimentos de segurança, harmonia no ambiente escolar e familiar. (GUZZO E TROMBETA, 2002).

### **3 O comportamento pró-social como fator contribuinte ao processo resiliente de educar uma reflexão para promover saúde na escola**

Ao identificar o processo resiliente de educar como um caminho acessível para lidar com os obstáculos no processo ensino-aprendizagem é articulado a este raciocínio a influência da relação professor, aluno e escola. A este pensamento está vinculado a colaboração da família como provedora do comportamento pró-social. E como parceira a este movimento a psicologia escolar na mediação destas relações. A fim de que o comportamento pró-social aconteça e transforme o ambiente escolar em um lugar não somente de conhecimento, mas de convivência humana.

Feldman, Olds e Papalaia (2010) em seus estudos sobre o desenvolvimento humano aplicam o comportamento pró-social ao comportamento arraigado no altruísmo como fator essencial no desenvolvimento psicológico e social do indivíduo, que tem sua funcionalidade nas relações humanas solidificadas na dinâmica do voluntarismo.

Estes autores propõem uma reflexão sobre a manifestação da resiliência como conseqüente do comportamento pró-social visando superar os desafios educacionais direcionados para melhorias das relações humanas.

O comportamento pró-social tem como definição o processo de aquisição e de mudança de julgamentos mediante os comportamentos de ajuda ou benefícios dirigidos aos outros indivíduos ou ao grupo. Especificamente as ações voluntárias definidas por suas conseqüências positivas que independem das expectativas de recompensas materiais ou sociais (BERNARDES; KOLLER, 1997).

Fato que a definição do comportamento pró-social no ambiente escolar consta como incentivador a um espaço solidário, em que conhecimentos e habilidades visam o coletivo.

Nesta discussão o estudo salienta que a família que detém o padrão de comportamento pró-social possuidora do favorecimento de resultados positivos de seus filhos na escola.

Feldman, Olds e Papalaia (2010) revelam sobre a contribuição de uma educação assertiva que dispõe às responsabilidades das ações individuais e sociais por meio da postura de seus membros familiares através de orientações e estimulações para novos aprendizados.

Portanto este discernimento sobre a família como facilitadora de comportamentos solidários, responsabilidades individuais e sociais contribuem para possíveis modificações positivas na educação atual. Também neste estudo surgiu a necessidade de diversas definições de comportamento pró-social para colaborar na amplitude de sua abordagem e sua utilização. Então seguem tais definições sobre o comportamento pró-social.

Na concepção da teoria comportamental radical de Skinner, como um comportamento que é aprendido como qualquer outro, isto é, por meio de imitações, de modelo e treinamento. O que diferencia da visão da teoria da psicologia sociocognitiva de Bandura que atribui à aquisição do comportamento pró-social através do conhecimento em que pode ser aprendido, mas que é utilizado diante de um processo em que as intenções das ações passam pela autoavaliação. Isto é a fim de promover a autorregulação deste comportamento (BERNARDO; KOLLER, 1997).

Nesta perspectiva que apresenta a antecipação dos comportamentos pela teoria de Bandura, em que os indivíduos refletem e modificam as suas ações através da autoavaliação, nos leva a crer sob este aspecto que seja uma contribuição desejável para melhoria do desempenho acadêmico do aluno e professor.

Assim apresenta Bernardes e Koller (1997) que o comportamento pró-social é visto como produto da interação entre as forças sociais e as capacidades cognitivas dos indivíduos. Das forças sociais concebe o entendimento do desenvolvimento do comportamento de ser empático com os outros e através da capacidade cognitiva o avaliar a situação que lhe é apresentada para tomada de decisões resultando na evolução socioafetiva e cultural.

Sob a ótica de que o comportamento pró-social é um fenômeno social, este remete a sua presteza na empatia social. E como consequência um indivíduo socialmente responsável. E acima de tudo, é importante direcionar a estimulação do aprendizado deste fenômeno social, principalmente, no ambiente escolar (FARIA; MONTEIRO, 2006).

Ao proferir este estudo o comportamento pró-social como viés ao processo resiliente de educar na escola e família, é considerá-lo como fator preponderante na prevenção e intervenção às situações de vulnerabilidade social e psicológica do aluno na escola.

Mrech (2002) comenta a escola e sua prática pedagógica como o lugar que se revela para um caminho que ocorre o processo de construção, desconstrução e reconstrução dos conteúdos. Aconselha a autora que o professor dedique-se em instigar seus alunos a elaborar estas contradições do construir e desconstruir do pensar visando o equilíbrio do conhecimento através da superação do velho conteúdo aprendido.

Torna necessário abordar a questão professor e aluno que surge na pesquisa através das relações de transferências. Este termo é utilizado na psicologia e em vários outros segmentos. Foram observados vários comportamentos dentro do contexto da sala de aula durante o estágio em psicologia escolar, principalmente queixas por meio de relatos de alunos e professores nas atividades exercidas. Estes relatos também trouxeram a exemplificação e clareza das relações de transferências positivas através da aceitação, amizade e respeito e até mesmo as negativas apresentadas como rejeição, despeito e afastamento.

Para o entendimento do termo transferência aplicado ao contexto escola sua utilização é para designar o seu conceito na repetição das vivências que os alunos experimentam em suas relações familiares refletindo ou reproduzindo no ambiente escolar. Isto é, o repetir suas experiências afetivas da convivência de seus familiares com os professores, colegas e representantes escolares. O que produz resultados positivos ou negativos para sua vida escolar (MRECH, 2002).

O termo transferência em psicologia tem o seu embasamento teórico psicanalítico, que é utilizado em outros contextos e outras definições. Algumas definições de transferência são apresentadas como transferência sensorial que condiz à percepção de um domínio sensorial para o outro; a transferência de sentimentos em que são identificados como empatia ou rejeição em relação ao outro, sobretudo na psicologia experimental contemporânea a transferência de comportamentos e hábitos, estes vivenciados em outras relações e que são repetidos (LAPLANCHE, 2001).

A transferência propriamente dita foi um termo progressivamente introduzido por Sigmund Freud e Sandor Ferenczin entre 1900 e 1909 para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico em que os desejos inconscientes do analisando relativos a objetos externos passam a se repetir. O termo não é somente utilizado no vocabulário psicanalítico, é utilizado em diversos campos. No termo psicanalítico a transferência implica a ideia de deslocamento, transporte, substituição de um lugar para o outro, sem que essa operação afete a integridade do objeto (ROUDINESCO, 2001, p. 766-767).

Na aplicação do conceito transferência no ambiente escolar torna-se importante a observação das relações entre professores e alunos em que o investir no vínculo afetivo deve basear no respeito e compromisso. Refletir como essas relações de transferências pode interferir no ambiente da instituição escolar de forma positiva ou negativa.

No entanto as relações familiares inseridas no contexto escolar que tenham uma convivência prazerosa, solidificada na cumplicidade e respeito mútuo, permite a conduta de elaborar estratégias para resoluções de conflito dentro e fora da escola. Sugere que a relação familiar saudável seja aquela que através da atitude de comunicação sem distorção e tomadas de decisões compartilhadas são edificadas na resiliência familiar (SOUZA, 2004).

Apresenta nesta discussão a escola e família como parceiras na transformação social sob as demandas educacionais atuais. Primordialmente sob as mudanças aceleradas do mundo contemporâneo a escola deve captar a intenção e o intervir junto aos professores, alunos e pais no trabalho educacional que consista no propósito de acentuar a qualificação da estrutura familiar como fonte colaboradora e valiosa ao sucesso nos resultados escolares dos alunos (COLONIA; DESSEN, 2007).

A partir deste ponto de vista não basta à escola estar contextualizada somente em novas concepções pedagógicas se não houver o comprometimento da família. Escola e família devem ser orientadoras, parceiras no desenvolvimento cognitivo e afetivo destes indivíduos, no sentido de proporcionar comprometimento quanto às responsabilidades escolares.

Leite e Tassoni (2000) defendem a eficiência do processo ensino-aprendizagem não somente para sala de aula bem como para vida, não basta somente às preocupações sobre o que e como ensinar, há a necessidade de articular à disposição do indivíduo diante do desejo e da paixão pelo aprender. É trazer o aprendizado para dimensão do afeto, em que a educação escolar contribui na constituição deste sujeito. O que dá a importância do afeto em torno da construção do conhecimento mediante a relação professor e aluno. Condicionando as influências afetivas e suas complexidades ao aspecto da aprendizagem.

Para tanto ao falar de afetividade no ambiente escolar é pensar sobre a consequência que uma postura afetiva do professor pode causar na sala de aula. De lado a lado da tolerância, compreensão pode estimular a atitude de encorajamento do aluno frente as suas dificuldades.

Neste paradigma da relação professor e aluno centrado no afeto, mediado pelos elogios, demonstrações de atenção, cuidados com as dificuldades que o aluno apresenta em sala de aula possibilita que as formas cognitivas afetivas conduzam o conhecimento (LEITE; TASSONI, 2000).

Esta aproximação entre professor e aluno também proporciona o aprendizado de conhecimentos por meio de trocas de vivências permeadas pelos valores socioculturais que cada indivíduo tem marcado em sua história. É pertinente aos processos ensino-aprendizagem a elaboração das reflexões de valores e crenças para os resultados da aprendizagem significativa.

Prossegue Leite e Tassoni (2000) que a priori o processo ensino-aprendizagem deve ocorrer pela investigação diagnóstica do saber que o aluno detém. E que seja avaliado este aprendizado já adquirido diante da proposta pedagógica que é oferecida pela escola. Cabe posteriormente o professor apresentar ao aluno como conteúdo algo que esteja para além do seu conhecimento adquirido e ter o cuidado de validar as diferenças culturais do grupo. O que consiste em dar maior significado à aprendizagem.

Nesta visão apresentada pela pesquisa sobre a complexidade do processo ensino-aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento psicológico, cognitivo e social do indivíduo dentro âmbito escolar. O que torna indispensável como discussão a educação e suas vicissitudes.

Feldman, Olds e Papalaia (2010) contribuem com este estudo ao apresentar o desenvolvimento humano que tem como base a sua constituição na relação familiar. Na qual a criança tem a oportunidade de atingir sua maturidade emocional. E traz o comportamento pró-social quando atuante no ambiente familiar é responsável e propagador das relações sociais saudáveis. Ao contrário do comportamento pró-social na estrutura familiar estão os pais omissos ou negligentes. Estes afetam o desenvolvimento de seus filhos através das reações negativas, principalmente de intolerância e antipatia, em questões de conflito de ordem emocional, afetiva e social. Visto que são identificados como as principais problemáticas dentro da escola e sociedade.

O que sugere a este apontamento destes estudiosos do desenvolvimento humano de como é fundamental o comprometimento da família com a educação de seus filhos desde a infância. Portanto a visão apresentada sobre o desenvolvimento humano até o presente momento concentra na valorização do investimento das relações e como viés ao processo resiliente de educar a fim de combater os desafios da educação atual.

#### **4 A contribuição da psicologia escolar e os desafios de educar**

Dentro do contexto do estudo do processo resiliente de educar foi primordial direcionar questionamentos adquiridos no estágio da psicologia escolar para entender os desafios da educação. Desta forma dirigiu a pesquisa ao contexto educacional e suas limitações.

Na educação do século XXI é destacado como pilares conceituais: o aprender a conhecer, aprender a viver juntos, aprender a fazer e aprender a ser. Os quais estão centrados em questionamentos do que, como e para que ensinar. O que faz pensar que o desafio educacional perpassa pela necessidade de entender a educação no mundo globalizado, em que as competências técnicas devam articular com as competências humanas (CUNHA; SILVA, 2002).

Nesta perspectiva do estudo compreende que a educação é capaz de atender aos desafios propostos pela sociedade ao ter sua competência arraigada na resiliência e como fundamental para educação.

Gadotti (2000) contextualizou que a educação é a transformadora social ao ato do conhecimento. Esta ideologia originou-se da pedagogia crítica em uma sociedade que foi consistida pela era da informação, na qual posiciona como orientadora para uma educação de elaboração e construção de conhecimento ao invés de utilitarista no sentido de apenas transmitir conhecimento ao aluno.

Estas pesquisas referentes ao contexto da educação contemporânea refletem sob as novas perspectivas de educar que trouxe o entendimento de não massificar conhecimento.

Cunha e Silva (2002) sugerem que a educação do século XXI como apta aos desafios das diversidades tecnológicas deva promover a estes estudantes o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais. E deste princípio tecnológico como aliado o educador na iniciativa de ações, adaptabilidade e transformações no âmbito educacional.

Para Asbahr (2011) a capacidade em lidar com os desafios na educação atravessa pela ótica do questionamento do por que aprender. Uma premissa aos resultados de seus estudos trouxe a importância à compreensão de onde que se dá à oportunidade do aprendizado efetivo. Esta oportunidade está na representação da figura do professor mediante o processo ensino-aprendizagem do por que aprender e direcionando o aluno para despertar em dar um sentido pessoal aos conteúdos pedagógicos aprendidos.

Na expectativa de atender aos questionamentos surgidos anteriormente sobre os desafios da educação, pode dizer que a contribuição da psicologia escolar e o processo resiliente de educar, trazem para a atuação do professor a estimulação do comportamento pró-social. O que

produz habilidades e competências para enfrentar as limitações impostas ao contexto atual do educacional.

Dentre outras problemáticas percebidas na educação. Atualmente a psicologia escolar tende a superar o diagnóstico da culpa que os alunos carregam sobre os problemas escolares. E promove o encontro da problemática que indivíduo enfrenta na escola frente as suas expectativas e dificuldades diante da sua relação com a educação. Com este dilema da generalização da culpa e a singularidade da problemática escolar efetiva a atuação da psicologia na escola diante da aplicabilidade da compreensão do aluno e sua relação com a comunidade escolar (ASBAHR, 2011).

Em toda esta discussão demonstra os reflexos da educação familiar projetados no ambiente escolar principalmente quanto à responsabilidade do aluno diante de suas escolhas.

A educação na concepção dos estilos de educar assertivo no contexto familiar que mostram Feldman, Olds e Papalaia (2010) como resultantes à motivação ao desempenho escolar satisfatório. E ao que diz respeito no contribuir com o desenvolvimento humano, a educação assertiva faz parte de um processo que consiste em crenças familiares de autoeficácia resultando na efetivação da aprendizagem.

O que manifesta mediante a esta colocação sobre a concepção da educação assertiva a idéia do benefício provocado por esta postura em propiciar ao filho e estendendo a escola para o sucesso escolar, que conduz a motivação para o desenvolvimento intelectual e social deste aluno.

Gadotti (2000) discursa que o desafio escolar perante as perspectivas atuais da educação é o de construir o conhecimento, que de maneira imprescindível preencha um lugar na vida do aluno de forma prazerosa. Já que os investimentos educacionais ocupam longos anos na vida deste indivíduo. Isto remete a responsabilidade em pensar na prática educativa diante da relação professor e aluno. Algo que ultrapasse o enrijecimento das metodologias educacionais com a finalidade de atingir uma educação satisfatória.

Contextualizando este estudo em torno da educação e família, segue a proposta da psicologia contemporânea que recorre ao fator resiliente como maior contribuinte para o desenvolvimento humano. Este fator deve almejar o rompimento da postura de reducionismo e negativismo das relações conflituosas. A família resiliente consiste em persistir no seguir adiante, apesar dos conflitos e dificuldades encontradas na vida. Nesta perspectiva o otimismo e perseverança surgem como contribuição para resolução de problemáticas (YUNES, 2003).

Assim apresenta esta discussão tanto a família quanto à escola como pertencentes e atuantes na vida do indivíduo. E como fonte colaboradora ao enfrentamento dos desafios escolares.

Cunha e Silva (2002) em seus estudos sobre a formação profissional no século XXI pontuam que a educação é a única capaz de preparar e oferecer ao mercado de trabalho os profissionais capazes de alocarem os conhecimentos. Estes conhecimentos devem ser adquiridos durante a vida acadêmica, elaborados de maneira criativa, crítica e pensante. O que resulta na capacidade de agir e adaptar rapidamente em uma ação inovadora e produtiva às mudanças rápidas do mercado de trabalho.

Então surge o questionamento de como preparar a escola atual ao enfrentamento das adversidades que parte da percepção de que a resiliência é plausível ao ajustamento dos desafios da educação do século XXI.

Entendida e difundida nesta pesquisa até o momento a resiliência apropriada em preparar o aluno a focalizar nas competências de autonomia para as resoluções de problemas, bem como habilidades emocionais aliadas ao comportamento pró-social como mantedor da postura de ser resiliente.

Barboza (2003) aproxima o entendimento sobre a reflexão da autonomia do aluno diante do conhecimento dizendo que o verdadeiro conhecimento nasce de um processo dialógico, desmistificando que a transmissão do saber do mestre ao aluno é eficaz para a vida, o consiste na verdade que o saber deve ser arrancado do interior de uma discussão.

Unindo este pensamento de autonomia do indivíduo quanto ao verdadeiro conhecimento ao de Yunes (2003) que propõe a resiliência como principal característica à criatividade na resolução de problemas e o senso de autonomia de propostas para as dificuldades. Outro fator primordial apontado em relação à resiliência é algo que transcorre pela subjetividade do indivíduo, ou seja, através da sua história de vida que é construída, reconstruída pelas múltiplas interpretações dos acontecimentos ocorridos. O que favorece ao indivíduo reinventar a própria vida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi pontuado que o processo resiliente de educar e o comportamento pró-social desenvolvidos nas relações humanas no âmbito escolar e familiar podem e devem atuar diretamente nos desafios escolares apresentados pela sociedade atual. Desta forma apresentou

a psicologia escolar na intenção de como deve analisar, intervir e mediar nas relações conflituosas na escola.

Observou neste contexto que o sentimento de confiança despertado pelo indivíduo através de suas relações afetivas é o meio para superar dificuldades na vida e dentro do contexto escolar.

Em que os vínculos afetivos elaboram um ambiente cooperativo desenvolvendo a capacidade de receptividade à vida que produzem o comportamento pró-social e a resiliência nas relações humanas.

Comportamentos que refletem na vivência escolar onde as experiências relacionais dos alunos ganham significados e sentidos diante das dificuldades escolares ao invés da estagnação diante dos problemas. Ao contrário é uma busca incessante pela culpa do fracasso escolar.

O estudo ainda permitiu a compreensão que com apoio da família é possível efetivar o processo resiliente de educar. E assim movimentar a vida em direção da superação humana em prol do equilíbrio e vida saudável. Unindo vida e educação.

O propósito desta pesquisa foi alcançado ao agregar a resiliência na família e escola como construção e identificação dos fatores de proteção e risco que são favoráveis as resoluções das problemáticas das vicissitudes da vida escolar. Questões estas colocadas que remetem ao como alcançar o processo ensino-aprendizagem resultando uma educação para a vida.

Neste percurso foi constatado que os termos resiliência e o comportamento pró-social no âmbito acadêmico e das pesquisas científicas em torno das ciências humanas são apresentados como recentes e têm a sua plausível aplicabilidade à educação e à família. Observou-se que as contribuições destes termos foram em transmitir como enfrentar as dificuldades em sala de aula. A priori no sentido de prevenção a indisciplina, o desinteresse em aprender, a negligência e omissão familiar do aluno.

Fundamental é mencionar a resiliência familiar como fator preponderante para o processo ensino-aprendizagem como incentivo ao laço afetivo com a escola. A partir desta concepção permite refletir a relação do aluno com o aprendizado em sala de aula de forma agradável. Gerando os resultados positivos escolares ancorados no sentimento de perseverança e crença no futuro.

Esta pesquisa proporcionou a visão de novas possibilidades aos seus desafios educacionais. Solidificando a psicologia escolar em sua autonomia científica como viés às

competências e habilidades à família, alunos e escola no intuito de motivar relações saudáveis no ambiente escolar. E tendo a psicologia escolar o seu valor imprescindível na mediação das relações interpessoais incidida na postura em acolher escola e família em suas vivências.

De esta maneira orientá-las em suas dificuldades diárias para melhorar o ambiente em que se vive.

Importante colocar a função da psicologia na escola diante da abordagem do estudo que é elaborar estratégias colaborando em compreender e intervir na disfunção do aluno diante do processo ensino-aprendizagem, bem como as suas dificuldades de convivência em grupo. Entretanto a psicologia deve propor trabalhos multidisciplinares por meio de diagnóstico institucional metucioso com a finalidade priorizar a relação humana e obter resultados escolares satisfatórios.

É deste olhar acolhedor e colaborador que a psicologia escolar pretende beneficiar o aluno e sua relação com a educação.

Sugere após este estudo que a viabilidade do processo resiliente de educar na práxis pedagógica necessita do apoio e ajustamento aos desafios educacionais em uma parceria não somente com a psicologia, mas com a filosofia. A filosofia pode oferecer as ferramentas para despertar o aluno à reflexão diante das responsabilidades, escolhas diante da vida, ou seja, instaurar o comportamento pró-social. Principalmente fazer com que através das reflexões sobre suas ações possam melhorar a sua relação com a escola.

Portanto ter a resiliência como intenção de resolução da problemática escolar trouxe a urgência ao investimento das relações humanas.

E a reflexão de que escola e vida devem estar contextualizadas dentro do ensino-aprendizagem através do permitir em dar sentido para as ações individuais e coletivas. Assim mediante a expectativa que psicologia escolar como parceira da família e escola possam direcionar o educar ao compromisso com sonhos e realizações.

## REFERÊNCIAS

ASBAHAR, F. S. F. **“Por que aprender isso, professora? Sentido Pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural”**. 2010. 220f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <[www.tesesusp.br/teses](http://www.tesesusp.br/teses)>. Acesso em: 06 set. 2011.

BARBOZA, J. R. O surgimento da filosofia e a sua importância para a educação. **Revista eletrônica de Pedagogia**. Ano 1, n. 2, jul. 2003. Disponível em: <[www.revista.inf.br/pedagogia02/pages/artigos](http://www.revista.inf.br/pedagogia02/pages/artigos)>. Acesso em: 19 ago. 2011.

BARLACH, L. **O que é resiliência Humana?** Uma contribuição para construção do conceito, 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19062006-101545/Lisetebarlach.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19062006-101545/Lisetebarlach.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2011.

BERNARDES, N. M. G.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisensberg e Kohlberg. **Estudo Psicologia (natal) online**, 1997, v. 2, n. 2, p. 233-262. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a02v02n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a02v02n2.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2011.

CUNHA, V. M.; SILVA, L. E. **A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas** (2002). Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v3n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a08v3n3.pdf)>, acesso em: 01 set. 2011.

DESLANDES, S. F.; JUNQUEIRA, M. F. P. Resiliência e maus tratos à criança. **Caderno de Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 227-235. jan./ fev. 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci)>. Acesso em: 18 ago. 2011.

DESSEN, M. A.; POLONIA, C. A. A. Família e a Escola: como contextos e Desenvolvimento Humano. **Revista Paidéia**, v. 17, n. 36. Ribeirão Preto, jan./abr. 2007. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci)>. Acesso em: 16 ago. 2011.

FARIAS, A. M.; MONTEIRO, O. R. N. Reflexões sobre pró-sociabilidade, resiliência e Psicologia Positiva. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**, versão impressa, v. 2, n. 2, Rio de Janeiro, dez. 2006. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci)>. Acesso em: 20 ago. 2011.

FELDMAN, D. R.; OLDS, S.W.; PAPALAIÁ, D. E. Tradução: MARQUES, F. C.; VERCESI, P.; et al. **Desenvolvimento Humano**, 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010, p. 384-433. GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, São Paulo-SP, abr./jun., 2000. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ssp/v14n2/9782.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ssp/v14n2/9782.pdf)>. Acesso em: 06 set. 2011.

GUZZO, R. S. L.; TROMBETA, L. H. A. P. **Enfrentando o cotidiano adverso: Estudo sobre a resiliência em adolescentes**. 1. ed. Campinas: Alínea, 2002.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de TAMEN, P. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEGAL, J. E.; MACHADO, N.; TABOADA, G. N. Resiliência: em busca de um conceito. **Revista Brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 16 n. 3, dez., 2006. Disponível em: <[www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid) >. Acesso em: 16 ago. 2011.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, M. C. E. **A afetividade em sala de aula:** as condições de ensino e a mediação do professor, 2000. Disponível em: <[www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-afetividadeemSaladeAula.pdf](http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-afetividadeemSaladeAula.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2011.

MRECH, L. **Psicanálise e Educação:** novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Tradução de RIBEIRO, V.; MAGALHÃES, L. Supervisão da edição brasileira: COUTINHO, M. A. J. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOUZA, M.T.S. Família e Resiliência. In: CERVENY, C. M. O. (org.) **Família e Resiliência.** São Paulo. Casa do Psicólogo, 2004, cap. 4, p. 53-83.

YUNES, M. M. A.. **Psicologia Positiva e resiliência:** foco no indivíduo e na família. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10.pdf)>. Acesso em: 06 set. 2011.